



A PSEUDO NEUTRALIDADE CIENTIFICA: A CIÊNCIA E A LINGUAGEM FRENTE A ÉTICA NA MODERNIDADE

PSEUDO NEUTRALIDADE CIENTIFICA: SCIENCE AND LANGUAGE AGAINST ETHICS IN MODERNITY

STIGAR, Robson¹
RUTHES, Vanessa Roberta Massambani²

RESUMO

A presente pesquisa realiza em um primeiro momento uma breve genealogia da ciência na modernidade, posteriormente uma análise desta relação com a linguagem. Faz da mesma forma uma breve demonstração de teorias contemporâneas que pretendem reforçar a concepção positivista. E por fim realiza toda uma crítica à esta concepção conservadora de ciência. Esta pesquisa tem como objeto demonstrar a crítica do filósofo alemão, pertencente à terceira fase da escola de Frankfurt, Karl Otto Apel que é considerado como o mentor de toda a filosofia ética do discurso, e se utilizando de argumentos fortes critica à posição que a ciência positiva atribui.

Palavras-chave: Ciência. Ética. Modernidade. Neutralidade.

ABSTRACT

Human life has lost all its sacredness bringing the world deep disenchantment and enslaving financial capitalism. This article arose from the need to investigate over the interweaving of human consciousness and its evolution to a spiritual awareness, manifested in mindfulness as a transforming instrument of human life and spiritual expansion. Therefore, a new spirituality is possible and, above all, necessary. They were addressed through the analysis of planetary crisis and normosis state of the paths that can lead the individual to wake up to human consciousness. If reflected on the awakening of spiritual consciousness and analyzed the evolution of consciousness through mindfulness able to expand the individual to a free spirituality, not monopoly of religions and at the same time, intrinsic to all religions.

Keywords: Science. Ethics. Modernity. Neutrality.

¹ Doutorando em Ciência da Religião – PUCSP – E-mail: robsonstigar@hotmail.com. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4543373733309169>.

² Doutoranda em Teologia – PUCPR – E-mail: vanessa_ruthes@yahoo.com.br. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6496506577875164>.



Introdução

A ciência desde o século XVIII com a filosofia positivista recebeu dois adjetivos que na verdade não a pertence, este são: neutralidade e universalidade. Muitos filósofos do século XX e XXI fizeram severas críticas a esta afirmação. Esta pesquisa tem como objeto demonstrar a crítica de um filósofo alemão, pertencente à terceira fase da escola de Frankfurt, Karl Otto Apel. Ele é considerado como o mentor de toda a filosofia ética do discurso, e se utilizando de argumentos fortes crítica à posição que a ciência positiva se atribui.

A pesquisa para que haja um maior entendimento realiza em um primeiro momento uma breve genealogia da ciência na modernidade. Faz da mesma forma uma breve demonstração de teorias contemporâneas que pretendem reforçar a concepção positivista. E por fim realiza toda uma crítica à esta concepção.

A Ciência na Modernidade

Até meados do século XIV toda a concepção de conhecimento verdadeiro, herdada de Platão, perdurava. Esta consistia na especulação das essências, dos seres universais. Contudo pode-se dizer que uma mudança de paradigma filosófico começou a ser engendrada a partir das ideias de um frade franciscano: Guilherme de Ockham. “O princípio essencial e mais consequente do pensamento [...] [dele] foi sua negação da realidade das universalidades³ fora da mente e da linguagem humana”.

Levando a ênfase de Aristóteles [do] primado ontológico das particularidades concretas sobre as Formas platônicas a seu extremo lógico, Ockham argumentava que nada existia, a não ser os seres individuais, que somente a experiência concreta poderia servir de base para o conhecimento e que as universalidades não existiam como

entidades exteriores à mente⁴, mas apenas como conceitos mentais.”⁵ A partir do pensamento de Ockham não é de maravilhar que a investigação científica empírica tenha progredido, como o fez.

Esta é a época das importantes descobertas físico-astronômicas feitas por Copérnico, Galileu, Kepler e principalmente as de Newton. Estas, com base nas precedentes e estudos do próprio, afirmavam que o Universo era um imenso mecanismo no qual tudo age harmoniosamente, tudo é regido por leis imutáveis.

A visão newtoniana influenciou demasiadamente a filosofia, tanto racionalista quanto empirista. Um representante do racionalismo, René Descartes iguala, na quinta parte do seu *Discurso do Método*, o universo a um mecanismo de relógio, e atribui ao homem o adjetivo de autômato. Já Bacon⁶, influenciado pela mecânica newtoniana, defendia uma “cuidadosa observação da Natureza e da hábil criação de muitos experimentos variados, praticados no contexto da pesquisa cooperativa organizada, a mente humana aos poucos obteria as *leis e generalizações que proporcionariam ao homem a compreensão da natureza.*”⁷

Contudo, embora ambos possuam o mesmo objeto: conhecer o universo, a natureza e as suas leis imutáveis, partem de caminhos que se contrapõem para chegar a esse *telos*. O racionalismo afirmava que somente se pode conhecer verdadeiramente por meio da razão, os sentidos⁸, são falíveis, e por isso os dados que deles advém não merecem cunho de certeza.

Esta nos é transmitida pelas ideias inatas, princípios gerais de todas as coisas que o homem possui implicitamente. Já o

⁴ Ou seja, é impossível conhece-las.

⁵ TARNAS. *Epopéia do Pensamento Ocidental*. 2000. p. 225.

⁶ Representante do empirismo.

⁷ *Epopéia* 295.

⁸ Aquilo que demonstra como os fenômenos são.

³ Temas tratados pelos escolásticos: Deus, os anjos...



empirismo com a máxima lockiana *a mente é uma tábula rasa* colocava sua confiança nos sentidos. Como o homem não possui ideias inatas, somente pode conhecer pelos dados sensíveis, pois é por meio destes que a mente é preenchida de ideias.

Estas duas correntes filosóficas opostas foram, de certa maneira, agregadas por um filósofo da ilustração chamado Immanuel Kant. Este afirmava que nem o racionalismo nem o empirismo estavam certos, contudo ambos não estavam errados. Este afirmava que o conhecimento ocorre pela relação da mente com o fenômeno, do sujeito com o objeto.

A mente não possui ideias inatas, conceitos acabados como afirma Descartes, mas também não é uma *tábula rasa*, ela possui formas *a priori* que moldam os dados captados pela experiência sensível, que não são descartáveis, pois sem estes a mente estaria estagnada. Assim Kant realiza uma *Revolução Copernicana* no conhecimento.

Sabe-se que com Copérnico inaugura-se uma nova cosmologia, a passagem do modelo geocêntrico para o heliocêntrico. O que Kant faz é transformar o modelo vigente de conhecimento: a razão não deve mais se subordinar à ordem sensível⁹, à experiência, mas ao contrário, subordinar a experiência a princípios e formas impostas pela própria razão. Segundo Kant a razão possui uma autonomia perante a experiência, embora isso não signifique que se deve *desprezar o plano empírico*.

Nesta mudança de método está o fundamento de toda a ciência, são os fenômenos que se devem regular pela razão e não esta pelos fenômenos. Kant substitui uma concepção passiva de conhecimento, pela ideia de que a nossa faculdade de conhecimento impõe as suas formas e as suas leis à realidade, não sendo determinada pelos objetos.

Vê-se desta forma que somente se pode conhecer algum dado sensível, se

utilizando das categorias *a priori*. No entanto reduzir o campo da atividade do conhecimento ao plano fenomênico não significa uma redução da realidade ao que a sensibilidade capta e o entendimento conhece. Dizer que só se conhece os fenômenos não impede que se pense em realidades que não estão ao alcance da percepção sensível.

A essas realidades, Kant, denomina de *Noumenon*. Este é o inverso do fenômeno é algo que não é dado na intuição sensível: “segue-se naturalmente do conceito de um fenômeno (...) que alguma coisa que não é um fenômeno lhe deve corresponder, pois que o fenômeno nada pode ser por si próprio e fora do nosso modo de representação.”¹⁰ Desta maneira, para Kant, existem duas realidades do conhecimento: os fenômenos que podem ser conhecidos pela experiência e os *noumenons* que podem ser pensados, contudo não se sabe o que são.

Dois correntes filosóficas surgem influenciadas pelo pensamento kantiano: o idealismo e o positivismo. O primeiro faz suas especulações em torno do *Noumenon*, eles negam todo dado, ou coisa em si, perante o qual o espírito, o eu, a razão, é passivo, e, portanto, nega o transcendente mundo kantiano dos *noumenons*, e reduz tudo à mais absoluta imanência.

O mundo da matéria, das sensações, da natureza, é uma criação inconsciente do espírito, este é transcendental, e não transcendente. Com respeito à multiplicidade e ao *vir-a-ser* do mundo empírico, é o lugar onde o espírito se realiza, vive, se concretiza a si mesmo indefinida e livremente, e é plenamente cognoscível a si mesmo.

“Esta ciência não é transcendente, mas fica transcendental nas suas mais íntimas profundidades. Ela explica de certo, toda a consciência com alguma coisa que existe independentemente de toda consciência; mas também nesta explicação não se esquece de conformar-se às suas próprias leis; e logo que

⁹ Aos sentidos.

¹⁰ KANT, Crítica da Razão Pura, 2001. § 24.



medita sobre esta, aquele termo independente torna-se novamente um produto da própria faculdade de pensar, portanto alguma coisa dependente do Eu, no conceito do Eu.”¹¹

A segunda corrente pós-kantiana é o positivismo, que realizou sua especulação pelo viés do fenômeno, daquilo que se pode conhecer. Assim pode-se afirmar que o positivismo admite como fonte única de conhecimento e critério de verdade, a experiência, os dados sensíveis ou como eles denominam os fatos positivos. Nenhuma metafísica, portanto, é aceita como interpretação, justificação transcendente ou imanente, da experiência, dado que segundo Kant essa é impossível.

A filosofia é reduzida à metodologia e à sistematização das ciências. Mas o positivismo recebeu influência também da mecânica newtoniana que concebia um universo harmônico regido por leis imutáveis e da teoria evolucionista de Darwin que afirmava de que todas as formas de vida se desenvolveram em um lento processo de seleção natural. Assim a *lei única* e suprema, que domina o mundo concebido positivamente, é a *evolução* necessária de uma energia natural, em outras palavras do universo.

Esta evolução não se dá por meio de uma dialética, um confronto de posições contrapostas¹², mas sim se dá ao longo da história, a medida que este segue seu curso a evolução vai acontecendo. O principal representante do positivismo foi Auguste Comte que desenvolveu uma teoria evolucionista conhecida como a *leis dos três estados ou estágios*:

–*O estado teológico*: é o estado no qual se explica os fatos por meio de vontades análogas à do homem. Por exemplo: a tempestade será explicada por um capricho do deus dos ventos.

–*O estado metafísico*: este substitui os deuses por princípios abstratos. A tempestade, por exemplo, será explicada

¹¹ FICHTE, Wissenschaftslehre, 1784, § 5.

¹² Como afirmava o idealismo, principalmente o hegeliano.

pela *virtude dinâmica* do ar¹³. O homem projeta espontaneamente sua própria psicologia sobre a natureza. A explicação dita teológica ou metafísica é uma explicação ingenuamente psicológica.

–*O estado positivo*: é o estágio em que o espírito renuncia a procura dos *fins últimos* e a responder aos últimos *por quês*. A noção de causa¹⁴ é por ele substituída pela noção de lei. Contentar-se-á em descrever como os fatos se passam, em descobrir as leis¹⁵ segundo as quais os fenômenos se encadeiam uns nos outros. Assim, no exemplo da tempestade procurar-se-ia analisar quais fenômenos contribuíram para que esta ocorresse.

A Linguagem na Modernidade

A concepção do saber desemboca diretamente na técnica: o conhecimento das leis positivas da natureza nos permite, quando um fenômeno é dado, *prever* o fenômeno que se seguirá e, eventualmente agindo sobre o primeiro, transformar o segundo. Desta maneira a ciência poderia conhecer e manipular todo o universo fenomênico.

É mister deixar bem claro que a ciência no estado positivo, rechaça toda a explicação mitológica e metafísico-subjetiva, se atendo somente aos fenômenos, aos fatos, se intitulando desta maneira neutra. Este modelo positivista influenciou demasiadamente toda a *Weltanschauung*, visão de mundo posterior, e várias correntes filosóficas trabalharam direta ou indiretamente com a questão da ciência positiva.

No início do século XX uma corrente filosófica denominada de *Wissenschaftliche*

¹³ São igualmente metafísicas as tentativas de explicação dos fatos biológicos que partem do *princípio vital*, assim como as explicações das condutas humanas que partem da noção de *alma*.

¹⁴ Transposição abusiva de nossa experiência interior do querer para a natureza.

¹⁵ Que sejam exprimeis em linguagem matemática.



*Weltauffassung*¹⁶ ou como é comumente chamada Círculo de Viena, começou sua especulação filosófica com a finalidade de proporcionar uma aclaração dos conceitos emitidos pela ciência positiva, pois afirmavam que a linguagem desta estava povoada de noções metafísico-subjetivas.

Estes foram influenciados por Ludwig Wittgenstein, que na obra *Tractatus Logicus Philosophicus* procura formular uma linguagem única e precisa, nesta visa traçar os limites do que se pode pensar e representar pela linguagem com o objetivo de discernir a verdade das pretensões teóricas. “A forma lógica da linguagem é condição [...] de toda configuração do mundo expressa e, com isso, de todo o falar sobre o mundo, não pode existir”.

Segundo Wittgenstein, nenhum discurso metalinguístico sobre a relação entre linguagem e mundo, pois isso resultaria numa confusão entre ‘relações internas’, que pertencem à forma mesma da linguagem e do mundo, e as ‘relações externas’ entre as coisas e objetos encontráveis no mundo.”¹⁷

A posição dos membros do Círculo de Viena eram semelhantes a de Wittgenstein, tomam como ponto de partida o seguinte aforismo “*compreender uma proposição significa saber como estão as coisas no caso de ela ser verdadeira.*” Para Schlick¹⁸ isso queria dizer: “*o significado de uma proposição é o método de sua verificação*”.

Afirma também “*A função específica da filosofia é a de procurar e clarificar o sentido das afirmações e das questões (...)] O sentido de uma proposição consiste unicamente no fato de que a proposição expressa determinado estado de coisas*”, o qual é necessário mostrar, portanto, se se quiser indicar o sentido de uma proposição. E para isso deve-se

“transformá-la através da introdução de definições sucessivas, até que, por fim, nos encontremos diante de palavras que não possam ser ulteriormente definidas com palavras, isto é, cujo significado só poderá ser demonstrado diretamente. O critério para a veracidade ou falsidade de uma proposição, portanto, consiste no fato de que, sob determinadas condições, alguns acontecimentos se dão ou não. Quando se estabeleceu isto, estabeleceu-se tudo aquilo que se fala na proposição e, com isso, se conhece seu sentido.”

Esta teoria é denominada de *sistemas de constituição* e também foi utilizada por Carnap¹⁹, pois segundo ele todas as proposições da ciência deveriam se apoiar nos dados da experiência imediata.

“O sentido de uma proposição consiste em expressar um estado de fato. Se uma [pretensa] proposição não expressa algum estado de fato, não tem sentido e, por isso, é só aparentemente uma assertiva. Se uma proposição expressa um estado de fato, tem sempre significado e é verdadeira quando este estado de fato existe e falsa quando ele não existe.”

Percebe-se com este pequeno esboço, que o círculo de Viena, ou o neopositivismo, como também é denominado, pretende somente reforçar a pretensa neutralidade e universalidade do discurso científico do positivismo, o libertando por meio da elaboração de uma linguagem rigorosa, precisa, que se atém aos fatos (neutralidade) e que poderia ser utilizada e compreendida por todos (universalidade).

Contudo há vários filósofos que discordam dessa posição e um deles é o próprio Wittgenstein que na obra *Investigações filosóficas* reconhece os erros que acabou por cometer na primeira, e o mais cabal de todos foi a pretensão de uma linguagem universal. Parte da ideia de que a linguagem é um conjunto de atividades uniformemente desempenhadas, vinculadas aos usos determinados e que pode servir em determinadas situações.

Afirma ainda que o fator importante

¹⁶ Concepção científica de Mundo.

¹⁷ APEL. Estudos de moral moderna. 1994. p. 38, 1994

¹⁸ Considerado como o primeiro filósofo do Círculo de Viena.

¹⁹ Outro filósofo do Círculo de Viena.



para a linguagem não é o significante, mas o significado que, segundo sua concepção, nada mais é que o uso deste na mesma. E é desta maneira, que elabora a noção de *jogos de linguagem*. Emprega este termo para mostrar que o uso da linguagem segue regras específicas nos diferentes jogos, nos diferentes contextos e situações da vida. Para diferentes jogos, valem diferentes regras e sistemas de regras. Cada jogo deve ser entendido em separado. Enfim jogos de linguagem são modos de condutas, do homem que pensa e fala, e que possibilitam a ele viver em sociedade.

E é sob toda a questão dos jogos de linguagem abordada por Wittgenstein, que Karl Otto Apel, filósofo da terceira fase da escola de Frankfurt, vai realizar a sua crítica à toda pretensa universalidade e neutralidade da teoria da ciência positiva. Para ele, ela não se pode pretender universal, pois se remete à várias comunidades de argumentação, com vários e diferentes jogos linguísticos, cujo pressuposto é a intersubjetividade.

E não se pode pretender neutra pois cada comunidade pressupõe, além de jogos de linguagem específicos, uma determinada ética: normas e valores.

Como afirma Jacqueline Russ:

A objetividade da ciência admite previamente, com efeito, o pressuposto de uma comunidade de argumentação [...] [Pois] o argumento, na sua validade lógica, remete sempre a uma comunidade de pensadores que chegam a uma compreensão intersubjetiva.

Todo cientista, mesmo considerado na sua investigação solitária, submete, potencialmente, sua argumentação ou demonstração a uma coletividade.²⁰

“Mesmo o pensador que, se fato, é solitário, só pode explicar e submeter sua argumentação ao exame enquanto é capaz de interiorizar a discussão de uma comunidade

potencial de argumentação no diálogo crítico – da alma consigo mesma. Evidencia-se assim que a validade do pensamento solitário é principalmente dependente da justificação de enunciados linguísticos na comunidade efetiva da argumentação.”²¹

Apel refere toda a atividade à esta comunidade a qual esta inserida numa subjetividade, que reintroduz a linguagem comum no próprio seio da ciência, que pretende ser unicamente fiel ao fato, mas se refere à determinados valores e não se mostra desta maneira axiologicamente neutra.

Esta comunidade, segundo a visão de Apel não se limita ao conjunto factual, mas designa principalmente uma comunidade subjetiva. Observa-se desta maneira que a perspectiva de Apel se projeta ao *a priori* da comunidade argumentativa, à sua própria subjetividade. Como diz Jean Marc Ferry:

“Nesta construção, a ideia de *comunidade de comunicação* – uma comunidade de direito ilimitado e idealmente isenta de violência – se apresenta como a referência obrigatória e última de toda prática humana dotada de sentido.”²²

Assim a crítica apeliana “não poderia refutar de modo mais brilhante o positivismo e o cientificismo, que ocultam esse reconhecimento recíproco das pessoas e postulam que a investigação dos fatos e o uso lógico do entendimento bastam para construir a ciência”.

Considerações Finais

Após a demonstração da construção ideológica da ciência positiva se percebe suas contradições em seu seio. As críticas que Apel faz nada mais são que a demonstração destas contradições. O grande mal que esta ideologia trouxe para a humanidade é a falsa crença de que a ciência é a apoteose do conhecimento,

²⁰ RUSS. Pensamento ético contemporâneo. 1999. p. 83.

²¹ APEL. Presses universitaires de Lille, 1994, p. 93.

²² FERRY. Habermas, a ética da comunicação. 1987. p 22.



quase tudo, manipulado por esta ideologia, se moldou tendo-a por gabarito.

O homem como psique, a natureza como um grande mecanismo, um grande livro que tem que ser interpretado para ser manipulado, as relações humanas em micro-comunidades ou na macro-comunidade, onde todas essas tiveram grandes perdas, e no atual paradigma que se vive é mister observá-las, e buscar novos gabaritos.

Referências

APEL, Karl Otto. **Estudos de moral Moderna.** trad. Benno Dischinger. Petrópolis: Vozes, 1994.

CENCI, Angelo. Apel e a fundamentação da ética do discurso. in. **Crítica – Revista de Filosofia.** vol. 1, n.º 2. Londrina: UEL, 1996.

FERRY, J. M. **Habermas, a ética da comunicação.** Paris: Press Universitaires de France. 1987.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2001

RUSS, Jacqueline, **Pensamento ético Contemporâneo.** Trad. Constança Marcondes. São Paulo: Paulus, 1999.

SILVA, Marcos Rodrigues. Critério de demarcação X Critério de fundamentação: as críticas de Apel ao falibilismo popperiano. In. **Crítica – Revista de Filosofia.** vol. 1, n.º 2. Londrina: UEL, 1996.

TARNAS, Richard. **A Epopéia do Pensamento Ocidental:** Para compreender as ideias que moldaram nossa visão de mundo. Trad. Beatriz Sidou. 3ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.